

PARCERIA PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE NA AMAZÔNIA (PCBA)

DEZEMBRO 2017

USAID E EMPRESAS PRIVADAS LANÇAM PLATAFORMA PARA PROMOVER DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA



Foto: Arquivos USAID

Lançamento da PPA em Manaus

A Plataforma Parceria para a Amazônia (PPA) foi lançada em Manaus, no dia 06 de dezembro, ao final de um ano de coordenação e planejamento. Com a liderança do setor privado, a plataforma busca estimular a economia sustentável na região, fortalecer pequenos e médios empreendimentos e estimular empreendedores locais a desenvolver negócios que conservem a floresta e a biodiversidade. A Amazônia Legal é responsável por 60% da área do país e responde por apenas 8% do PIB¹. Seus recursos naturais estão sob crescente pressão – nos últimos dois anos, o desmatamento na região chegou a 1,4 milhão de hectares², sem retorno socioeconômico significativo para a população local.

A PPA foi criada para colaborar na transformação da realidade através de parcerias inovativas lideradas pelo setor privado. Uma das prioridades da plataforma será dar a seus membros um espaço para compartilhar e aprender com experiências de implementação de projetos que respondam aos atuais desafios sociais e ambientais da Amazônia. Juntas, as 97 empresas irão trabalhar na criação de um modelo de desenvolvimento sustentável, ligando o desenvolvimento rural ao urbano e a conservação à prosperidade econômica.

Mais de 100 representantes de empresas, organizações não-Governamentais (OnGs), startups e governos local e nacional compareceram ao lançamento e ao workshop. O embaixador norte-americano no Brasil, Peter Michael McKinley, enfatizou na cerimônia de abertura a sua crença de que “o setor privado será o agente de transformação que irá desenvolver soluções através de parcerias estratégicas usando inovação, ciência e tecnologia, combinadas a melhores práticas”. Sarah-Ann Lynch, Vice-Administradora da USAID para a América Latina e Caribe e Michael Eddy, Diretor da USAID/Brasil também estavam presentes. Lynch enfatizou o apoio da USAID à Plataforma e a convênios que possam fortalecer o apoio a um modelo de desenvolvimento sustentável à região.

1 Instituto do Homem e Meio Ambiente do Amazonas (Imazon), em Índice de Progresso Social para a Amazônia (2014) <http://bit.ly/2DMdQiv>

2 PRODES, INPE (2017) - <http://bit.ly/2pxyiAW>

Sete empresas apresentaram projetos sociais, ambientais e de investimentos em desenvolvimento com sustentabilidade. Um dos principais objetivos da PPA é compartilhar casos de sucesso do setor privado que possam gerar impactos sociais positivos e apoiar negócios sustentáveis e cadeias produtivas que promovam a conservação ambiental e experiências de boas práticas. A iniciativa irá buscar parcerias nacionais e internacionais entre o setor privado, a sociedade civil, investidores, governos, comunidades locais, apoiando empreendedores locais.



Foto: Arquivo USAID

Lançamento PPA em Manaus

Todas as empresas com interesse em conservar recursos naturais e promover o desenvolvimento sustentável podem se unir à plataforma. [Leia aqui a cobertura do evento na mídia.](#)

COMITÊ-GESTOR DA PPA REALIZA PRIMEIRA REUNIÃO E SE PREPARA PARA FINANCIAR STARTUPS AMAZÔNICAS

Logo após o lançamento da PPA, seu Comitê-Gestor fez sua primeira reunião, dia 07 de dezembro. Formado por 11 empresas que operam na região, o Comitê responde à Coordenação-Executiva da PPA, formada pela USAID, pelo Centro Internacional de Agricultura Tropical (CIAT) e pelo Instituto de Conservação e Desenvolvimento da Amazônia (IDESAM). Representantes da Ambev, Coca-Cola, DD&L, Dow, Grupo Bemol, KPMG, Natura, Nova Era, Sinoreg-AM, 3M e Whirlpool decidiram em seu primeiro encontro pedir à Coordenação-Executiva para mapear e fazer uma análise de startups (empreendimentos promissores pequenos e médios capazes de promover impactos socioeconômicos). A análise será baseada em mapeamentos recentes realizados por empresas integrantes do Comitê-Gestor. A ideia é investir em startups promissoras através da PPA, O próximo encontro do grupo será no dia 13 de março de 2018, em Manaus.



Foto: Arquivos USAID

Lançamento PPA em Manaus Manaus



PARCERIAS FORAM TEMA CENTRAL DO III SEMINÁRIO DE BOAS PRÁTICAS NA GESTÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

O Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) realizou entre os dias 27 e 29 de novembro o III Seminário de Boas Práticas na Gestão de Unidades de Conservação, encerrando as comemorações dos 10 anos do órgão.

O Seminário foi apoiado pela USAID, por meio do Serviço Florestal dos Estados Unidos, além de por outros parceiros ativos na gestão de unidades de conservação no Brasil, que reuniram cerca de 300 parceiros e gestores para trocar experiências e boas práticas e seus muitos elementos, e quais tinham potencial de replicação. O tema central desse ano eram parcerias e como uma variedade de diferentes parceiros em todos os setores da sociedade são importantes para a gestão das 324 áreas de proteção no Brasil.

Os coordenadores da conferência selecionaram 46 boas práticas de unidades de conservação federais e estaduais para apresentar suas experiências e discutir durante a conferência. Além disso, participantes internacionais da Zâmbia, Zimbábue, Espanha, Colômbia e Estados Unidos também trouxeram exemplos de seus países para compartilhar com gestores de parques e parceiros de todo o Brasil, enriquecendo a discussão e as relações internacionais que reconhecem a importância global do Brasil na conservação da biodiversidade.

O ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, destacou na cerimônia de abertura a complexidade na manutenção e gestão destes bens nacionais e a necessidade de compartilhar experiências positivas, que estimulem a inteligência coletiva. Anna Tonnes, Diretora de Meio Ambiente da USAID Brasil, destacou o potencial que a região Amazônica, e das unidades de conservação, em geral, tem para o cumprimento de metas de conservação e de desenvolvimento econômico, dizendo que: “unidades de conservação em áreas remotas são com frequência uma fonte de crescimento econômico rural sustentável”.

O presidente do ICMBio, Ricardo Soavinski, ressaltou que o Instituto precisa “chegar mais perto da sociedade”. Um tema muito discutido no seminário foi a importância do turismo, envolvimento comunitário, recreação e outros usos públicos, assim como aumentar o número de voluntários na gestão de áreas protegidas, e na manutenção, educação e serviço de guias. Outros temas incluíram: governança, financiamento sustentável, relações e contratos inter-institucionais, relações com a comunidade, turismo e gestão de recursos naturais de base comunitária, meios de vida sustentáveis e o desenvolvimento de cadeias de valor sustentáveis.

Representantes de comunidades vivendo dentro de Reservas Extrativistas ou vizinhas de Unidades de Conservação também foram convidados para discutir o seu papel na proteção da biodiversidade. Para Irismar Duarte, líder comunitário na Reserva Extrativista de Ituxi, no Amazonas, “acompanhar as discussões foi interessante e tive a chance de explicar que precisamos de mais gente para construir relações humanas e de



Photo: USAID/ Archives

ICMBio's event opening

confiança na base. Somos gente simples, fomos explorados e abandonados no passado. Enviar biólogos para dizer que agora é diferente, não é suficiente”.

Mais de 45 boas práticas envolvendo 800 parceiros do governo, setor privado e sociedade civil foram discutidos e uma das principais conclusões foi que muitas das boas práticas podem ser adaptadas e replicadas, mas que cada unidade de conservação é diversa e precisa pensar em fazer as adaptações de acordo com o contexto local, além de criar suas próprias soluções e parcerias. Apesar dos cortes de gastos severos em agências chave do governo, parcerias podem ajudar na gestão das Unidades de Conservação e que conferências como essa são críticas para gerar encontros, compartilhamentos e o fortalecimento desses esforços conjuntos.

PARCERIAS PARA O SUCESSO

O I Fórum Internacional de Parcerias na Gestão de Unidades de Conservação (UCs), que aconteceu juntamente com o Seminário de Boas Práticas na gestão de UCs, em novembro, contou com a participação do Gerente de Programas para Vida Selvagem e Rios Cênicos da Região Norte do Serviço Florestal dos EUA (USFS), Jimmy Gaudry e de Jennifer Tripp, Vice-Diretora de Operação de Trilhas da ONG norte-americana, Pacific Crest Trail

Association. As duas organizações trabalham juntas em um conjunto de trilhas que se estende por mais de 4 mil km e atravessa florestas, Parques Nacionais, Estaduais e duas Reservas Indígenas ao longo da costa do Pacífico. A parceria envolve ainda outros órgãos oficiais como o Serviço de Parques da Califórnia e outras ONGs e os dois compartilharam a experiência em criar parcerias de sucesso e dos fatores necessários para que elas aconteçam. Tripp deu uma entrevista para o Facebook do ICMBio. [Assista aqui.](#)

O professor da Universidade da Flórida, Brian Child, especializado em Mudanças Ambientais e Sociais Globais, foi outro convidado internacional e falou sobre sua experiência em diferentes capacidades na construção da gestão comunitária do turismo na Zâmbia e no Zimbábue. Child mostrou que a África do Sul, por meio da descentralização da propriedade recursos como animais silvestres, conseguiu aumentar essa população e fortalecer a economia local.



Photo: USAID

Jennifer Tripp (left) and Brian Child (right)

COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS EM REUNIÃO ANUAL DOS PARCEIROS DO SERVIÇO FLORESTAL DOS ESTADOS UNIDOS

Nos dias 5 e 6 de dezembro, cerca de 60 representantes de instituições parceiras do Serviço Florestal dos Estados Unidos (USFS), incluindo OnGs e instituições governamentais que são parceiras neste projeto, o maior parceiro da USAID dentro do PCAB, se reuniram em Brasília. A reunião anual discutiu os resultados de 2017 e planejou conjuntamente as atividades para 2018. ICMBio, IBAMA, FUNAI, IEB, Aliança da Terra, Pacto das Águas e OPAN estavam entre as organizações presentes.

As apresentações incluíam temas como cadeias de valor, manejo do fogo, uso público e planos de manejo de Áreas Protegidas. Segundo Michelle Zweede, do USFS, uma das principais razões para os bons resultados apresentados são as parcerias “Uma das prioridades do Serviço Florestal (dos EUA) é a cooperação internacional. Não só para compartilhar nossas experiências, mas também para levar de volta ferramentas, tecnologias e conhecimentos desenvolvidos pelos nossos parceiros”.

FORTALECER CADEIAS DE VALOR PARA MANTER A FLORESTA EM PÉ

Aliar produtos florestais e não-florestais a modelos de negócio rentáveis – que garantam renda para os povos da floresta mantendo-a de pé - é a ideia por trás do fortalecimento de cadeias de valor: “Se não formos capazes de gerar uma economia dinâmica baseada em ativos da sociobiodiversidade, culturais, etc, não vamos conseguir segurar a pressão que a Amazônia ainda sofre,” reforça Valmir Ortega, diretor executivo da Conexus, empresa recém-criada e que aposta na criação de fundos de investimento para alavancar as cadeias produtivas que possam render mais do que o desmatamento para extrativistas, pescadores, coletores de castanha e cooperados amazônidas. Apresentando seu modelo de negócios no Seminário, Ortega defendeu a captação de fundos de risco para alavancar os negócios de cooperativas e associações envolvidas nestas cadeias produtivas. “Filantropia sozinha não sustenta o negócio. O que acontece quando acaba o projeto? Frustração das comunidades e desencanto”.

Manuel Cunha, ex-seringueiro e hoje gestor da Reserva Extrativista (Resex) Médio Juruá, no Amazonas, tem o mesmo sentimento. “Eu corto o último pequizeiro da minha reserva e mato o último peixe boi do lago, se for para salvar a minha família”, resume, e enfatiza. “Eu preciso continuar com o pequizeiro porque vendo o óleo dele e ganho muito mais dinheiro do que com a madeira. Eu preciso manter o peixe boi no lago, porque eu ganho com o turismo”. Cunha fala da preocupação de muitos membros de sua comunidade de que os esforços de conservação muitas vezes não reconhecem a necessidade de se incluir valor econômico a esses recursos, e promover a criação de futuro viável para as famílias que vivem na região, dependem desses recursos, e que quando estes tem um maior valor econômico, comunidades não precisam enfrentar a escolha dramática entre conservação e seu próprio bem estar.

Reforçando a mesma mesma mensagem, o fortalecimento das cadeias de valor são um componente importante do PCAB, com projetos que envolvem desde capacitações e troca de experiências a apoio no desenvolvimento de estratégias para a comercialização. O objetivo é ajudar as comunidades a se tornarem autossustentáveis.

Dalton Tupari, presidente da Associação Indígena de Doá Txato, já participou de várias capacitações do Instituto de Educação do Brasil (IEB), parceiro do PCBA, e do Pacto das Águas, e quer ver a colheita da castanha se expandir na sua comunidade de mais de 350 indígenas. “Com o projeto, vimos infraestrutura chegando na comunidade, agregação de valor, vontade da comunidade de participar. O importante agora é dar continuidade ao que está sendo feito, para não deixar o trabalho parar”, explica animado.

Parcerias

“Quando falamos de produtos amazônicos, temos produtos de natureza sazonal, uma situação de organização muito limitada, logística difícil, dificuldades de acesso a serviços básicos como energia” explica João da Mata, coordenador de Produção e Uso do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), responsável .no órgão pelo desenvolvimento de cadeias de valor.

Dificuldade de acessar diretamente os mercados, de obter capital de giro e de comercializar o produto por um preço justo, são outros desafios apontados pelos participantes do III Encontro Anual de parceiros do Serviço Florestal Americano (USFS), que também é um dos Parceiros Implementadores do PCBA. “Os diferentes elos da cadeia de valor precisam se conhecer para que ampliar a transparência, a troca de informação, a justiça e a solidariedade entre esses elos. Quando as cooperativas com usinas de castanha de base comunitária começam a pagar um preço justo, os outros compradores começam a aumentar o preço” afirma Kirsten Silvius, coordenadora de projetos de cadeia de valores e consultora do USFS. Para ela, a cadeia da castanha foi uma das mais bem-sucedidas este ano, devido em grande parte às trocas entre os parceiros. No ano que vem, o projeto começará a trabalhar também com a cadeia de valor do açaí.

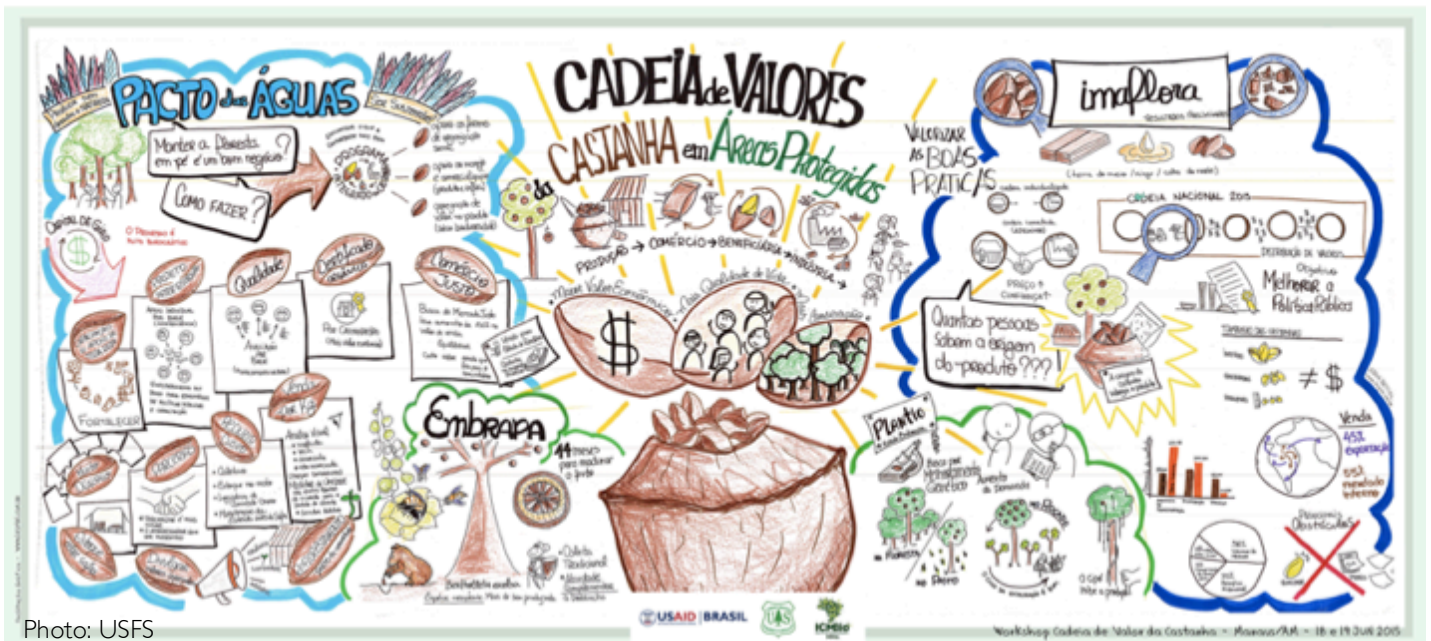


Photo: USFS

Brazil nut value chain.

TROCA ENTRE ASSOCIAÇÕES INDÍGENAS

Durante os dias 04 a 08 de dezembro, o Projeto Nossa Terra, executado pelo Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) e pela Operação Amazônia Nativa (OPAN), em parceria com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e ICMBio e apoio da PCBA, promoveu o intercâmbio de 11 coordenadores de associações indígenas do sul do Amazonas, que viajaram para o Maranhão e Tocantins para a troca de experiências entre as associações participantes, buscando o fortalecimento de suas capacidades de gestão e atuação política, além da troca cultural entre os diferentes povos indígenas envolvidos. Representantes dos povos Apurinã, Jamamadi, Parintintin e Tenharin, conheceram coordenadores dos povos Gavião e Krikati e estiveram também em visita a uma Terra Indígena Krahô. Essas trocas são importantes ocasiões de aprendizado, dadas as ameaças, desafios, e oportunidades nos territórios indígenas por toda a Amazônia.



CALENDÁRIO DE EVENTOS

- 27 e 28 de janeiro: A Equipe de Conservação da Amazônia (ECAM) está levando o YouTuber Allan Portes para a Calha Norte. Portes se especializou em ensinar outros jovens a gravar vídeos de qualidade para o canal e, junto com um integrante da equipe do YouTube Brasil vai ensinar jovens da comunidade quilombola de Jarauacá, como usar o YouTube para contar suas próprias histórias e registrar a realidade das comunidades quilombolas de Oriximiná, no Pará.

Para acessar relatórios anteriores da USAID/Brasil visite: <https://pages.usaid.gov/brazil/bi-weekly-reports>

